



O ESPÍRITO NUNCA ATERRA

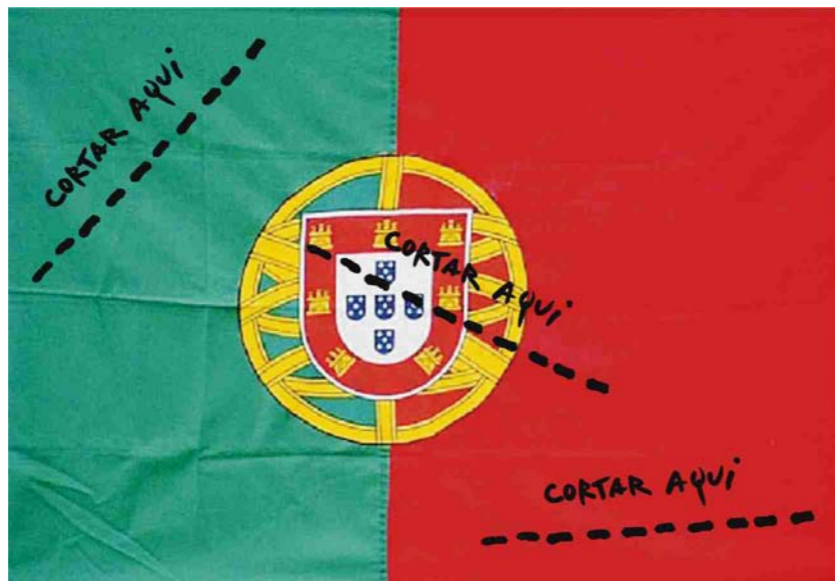
CARLOS COELHO

PORTUGAL EMOÍSTA



O “verdadeiro” Emoísta é aquele que não se contenta com a psicologia da tristeza imaginada e, nessa medida, procura na objectividade da dor uma razão que controla e induz o seu sofrimento.

Assim, um Emo corta-se com pequenas lâminas e, ao fazê-lo, não se corta só a si; corta todos os que o rodeiam, acabando por cortar o sonho do país.



Quanto mais procuro as razões que nos impedem de ser portugueses com glória, mais me convenco que importa observar os exemplos dos outros e a forma como estes integram os seus males.

Como disse Fernando Pessoa na “Mensagem” que nos deixou, “As nações todas são mistérios. Cada uma é todo o mundo a sós”. Pois eu, num exercício de micro-análise - que aprendi a fazer com o exemplo do nosso genial pensador, o Professor José Gil - digo : cada um de nós é em si , toda a Nação a sós.

Este tipo de analogia microscópica assenta no princípio de que tudo em nós faz sentido, procurando descodificar as forças inconscientes e incompreensíveis que estão para além das fronteiras das ciências exactas e que são essenciais ao entendimento das relações humanas.

Deste modo o comportamento de apenas um, influencia o comportamento de todos, e esta verdade tão simples parece esquecida quando se observa o funcionamento de uma sociedade.

Afirmar insistentemente os nossos defeitos, propagando a ignorante mentira de que os outros - os sublimes estrangeiros - só têm virtudes, é uma forma muito eficaz de preservar o nosso ancestral sentimento de derrota.

Diz-se à “boca cheia”, ainda há uns dias, na televisão e a propósito da viagem do

Presidente da República à Índia, que o nosso triste fado - brilhantemente interpretado por Cátia Guerreiro - teria que no futuro ser outro. Porque desta canção única no mundo, tão sublime e intensa quanto a alma mais profunda do nosso povo, os olhos incapazes de um só português impedem um povo inteiro.

Portugal é um país triste, assim alguém diz e, por isso, eu, que também sou apenas alguém, vos digo que somos um país genial. E não apenas digo as nossas virtudes, como faço questão de observar como os outros constroem as suas. Procuo, neste exercício, os movimentos emergentes das sociedades por todos consideradas mais evoluídas. E, neste modelo de observação, sem preconceitos, fui encontrar por coincidência na música, um movimento extremamente actual e que em tudo se assemelha ao tão apregoado síndrome da lusa emocionalidade depressiva.

EMO - é a abreviação da expressão inglesa “emotional” e configura uma atitude que, tendo embora tenha começado na música Punk-Rock em meados dos anos 80, hoje se expressa de muitas outras formas. Na música, os EMOs praticam um estilo calmo/gritado, sensível e estridentemente profundo. Na vida, um EMO é alguém que encontra a sua “felicidade” no culto da tristeza e, para mostrar esta sua opção, veste-se de preto; usa cabelo “Playmobil”- mais comprido à frente do que atrás - sublinha os olhos com “eyeliner” também preto, quer se trate de rapaz ou rapariga. Aliás, o culto da ambiguidade que parece ser sexy, estimula ainda o uso de roupa unisexo muito colada ao corpo, que se espera seja muito magro. Ser EMO é ainda: ser capaz de não responder quando se é insultado, é ser tolerante, é chorar pelo menos duas vezes por dia no ambiente depressivo de uma mal higienizada casa de banho pública.

Mas o “verdadeiro” EMO é aquele que não se contenta com a psicologia da tristeza imaginada e nessa medida procura na objectividade da dor uma razão que controla e induz o seu sofrimento. Assim, um EMO corta-se; corta-se com pequenas lâminas de barbear, escrevendo no seu corpo o livro de estímulos da sua sensibilidade que o diferenciam dos outros EMOs, na egoísta individualidade do seu sofrimento.

Feita a tenebrosa descrição, que não tendo a pretensão de ser exacta, fica o quadro de referência EMO e fica também exposto, para a reflexão dos mais cépticos, que esta é, hoje, uma das correntes mais “cool” de Inglaterra e dos Estados Unidos da América. Assim, ser EMO, ser triste, vestir de preto e auto flagelar-se, aos olhos do mundo contemporâneo é ser “cool”.

Não pretendo, com este exemplo, fazer de algum modo a apologia do lado negro das sociedades. Pretendo apenas fazer uma comparação com este movimento, na medida das semelhanças que nele encontro com o comportamento de muitos portugueses.

Portugal é, sem dúvida, um país EMO, o que enfurece o meu patriotismo.

Mas, e se deste exercício de auto flagelação nacional ainda resultasse algum tipo de afirmação “trendsetter” ou, se se tratasse de uma forma de ironizar o nosso passado na procura de o recontextualizar e daí soltar uma gargalhada para o futuro, então ser EMO, apesar de doloroso, sinistro e triste, poderia valer a pena. É, porém, infértil este exercício de dor, vivendo-se no nosso país um estado egoísta e profundamente depressivo que conduz a uma sociedade organizada pela cultura da desculpa e da desresponsabilização, em que cada um procura viver a sua vida, num processo de demissão do país.

Vivemos num limbo entre um passado glorioso e um futuro incerto, com medo de aspirar a ser alguma coisa, escondendo-nos atrás de uma capa espartilhada e negra que vestimos, na esperança da divina protecção e do milagre da prosperidade.

Trabalha-se menos quando é preciso trabalhar mais, pede-se quando não se dá, destrói-se quando não se constrói, espera-se que tudo mude quando nada se faz para mudar, corta-se onde dói menos e acrescenta-se onde não é preciso. Por vezes, sinto-me rodeado de um mundo demasiado negro. Estou cansado de só ouvir falar de defeitos, daquilo que não temos, daquilo que não somos ou, pior, daquilo que já fomos e daquilo que poderíamos ter sido. Impera o pessimismo, que é bem aceite pela sociedade e visto como uma forma sensata de encarar a realidade do país. Ser pessimista é ser português, é ter os pés assentes na terra de um país infértil e impróspero, onde os mais espertos se safam, de onde os mais inteligentes fogem e onde os mais importantes se calam.

Dirão, porventura, impróprias as minhas metáforas, que isto do punk-rock e da economia são mundos que não se tocam e que sou optimista, porque só olho para o lado bom das coisas, porque só vejo as virtudes, desprezando os defeitos. Que sou optimista porque sou inconsciente, porque sou louco, (um EMO ao contrário); que ser optimista é um luxo de quem tem sucesso e de quem só vê o lado bom da vida porque assim pode.

Gostaria de aqui afirmar o contrário, num manifesto pedido de reflexão. O pessimismo, ou melhor o Emoísmo, esse sim, é um luxo, um desperdício de energia colectiva e uma falta de respeito para connosco próprios, para com a vida e, acima de tudo, para com os outros.

Ser optimista, ser anti-EMO não é uma opção. Basta de medos. Medo de experimentar, de agir, de ser politicamente incorrecto.

Somos um povo destemido, corajoso, audaz, inteligente, capaz, mas tem-nos faltado a atitude individual, a energia criativa que mostrámos ter em outros tempos.

Proponho, por isso, que tomando consciência do que nos impede, façamos um rápido e definitivo expurgo dos nossos EMOs.

Portugal começa a estar farto de gente Emoísta!

